

# “HAJA SAÚDE” UM EMBAIXADOR DA PREVENÇÃO NA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES”

A Casa do Povo de Santa Bárbara da Ilha Terceira é uma IPSS, fundada em 1973, cuja missão IPSS visa salvaguardar a integridade dos cidadãos, educar para a cidadania e a democracia e projetar o desenvolvimento nos territórios. Pretende interagir com e para as comunidades, fomentar o encontro de gerações, ousar para sonhar e construir. Os valores consagrados pela instituição visam a solidariedade, a convergência e o conhecimento e a visão desta Casa do Povo passa por dotar cidadãos em termos das competências saber ser e saber fazer em solidariedade. A ação desta IPSS incide sobre a intervenção comunitária e social, a promoção da saúde, a formação e inovação social e a dinamização cultural. O âmbito de atuação concretiza-se numa dinâmica que abrange o local e regional. Em entrevista, Durval Santos e Joana Grácio abrem-nos as portas da instituição...

**No âmbito da promoção da saúde, a Casa do Povo de Santa Bárbara da Ilha Terceira desenvolve o projeto, o Haja Saúde. Em que consiste e que resultados têm vindo a alcançar?**

**Durval Santos** – Estes dois projetos são salvaguardados por uma equipa de promoção da saúde da Instituição Casa do Povo de Santa Bárbara, uma equipa técnica multidisciplinar, constituída por psicólogo clínico, educacional, educador de infância, assistente social, psicomotricista, animador social e nutricionista. Numa perspetiva mais lata e numa dimensão regional, tendo por base as preocupações do Governo Regional, temos o Programa Haja Saúde, constituído por uma unidade móvel de promoção da saúde. A equipa que referi é financiada pela Secretaria Regional da Saúde, tutelada pela Sra. Secretária, Dra. Mónica Seidi, e apresentou uma perspetiva a longo prazo, através de um plano de atividades quadrienal, de 2024-2027, tendo por base a sua operacionalização, de acordo com as políticas e preocupações do Governo Regional.

**Que objetivos mediam a vossa intervenção no âmbito do programa que visa a redução dos consumos de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas?**

**Durval Santos** – Enquanto dirigente, compete-me mais abordar as perspetivas macro, integradora, a longo prazo e de parcerias em rede com os diversos parceiros. No plano mais técnico, creio que a pessoa mais habilitada seria a Dra. Joana Grácio...

**Já têm resultados que nos possam transmitir relativamente a esta vossa intervenção em prol da promoção da saúde?**

**Durval Santos** – Compreendo naturalmente a pergunta que, do ponto de vista jornalístico, é legítima, mas há que perceber que em prevenção o que está em causa é o indivíduo e não tanto os números. Obviamente, os números preocupam-nos e o que transparece de alguns escritos da República quanto à Região Autónoma dos Açores é que somos uma espécie de oásis para proporcionar o consumo de substâncias, particularmente as ilícitas, sem qualquer controlo ou sentido de responsabilidade comunitária, política ou social. E isto não corresponde à verdade.

**Tanto quanto sabemos e de acordo com os resultados recentemente publicados pelo SICAD, os Açores, apesar de constituírem um território pequeno, continuam a evidenciar altas taxas de consumos... Se afirma que tal não corresponde à verdade, qual é então, no seu entender, o panorama que melhor caracteriza os consumos nos Açores?**

**Durval Santos** – Os Açores têm focos muito específicos de consumo, que são conhecidos da sociedade em geral, dos intervenientes políticos, dos órgãos de comunicação social, dos agentes sociais, polícias... Mas também não se pode banalizar e diabolizar a questão dos consumos, sobretudo caracterizando este fenómeno como delinquen-





te, como se os açorianos assumissem uma dimensão de consumos continuados ou muito acentuados. Temos que perceber que estamos numa região de Portugal muito específica, insular e ultraperiférica e, obviamente, os números são estudados não se identificam alguns vieses que deveriam ser considerados. Quando, por exemplo, num Dia da Defesa Nacional, que coincidem com as maiores festividades da Ilha Terceira e dos Açores, perguntam aos jovens se consumiram álcool naquela semana, obviamente que se forem sinceros responderão que sim... temos que ter aqui alguma atenção e prudência. E a questão da prevenção, da dissuasão e da redução de riscos, como muito bem afirmou a Dra. Mónica Seidi, tem que ser vista com total responsabilidade, com total rigor, com total seriedade e sem nenhuma impertinência ou arma de arremesso político. E às vezes esquece-se isso. Neste sentido, creio que a criação do Observatório Regional das Dependências irá salvaguardar-nos e ajudar-nos bastante relativamente ao rigor, à boa informação, à verdade atual e ao conhecimento da realidade. Aliás, fazem-se tantas projeções e estudos nos contextos das sondagens eleitorais e depois temos resultados diferentes. Ou bastará perguntar ao turista, nomeadamente ao de Portugal Continental, se quando vem aos Açores se sente mergulhado num conjunto de ruas em que os jovens estão a consumir substâncias lícitas ou ilícitas à luz do dia. Não! Não corresponde à verdade!

**Quer dizer que os inquéritos, por mais objetivos e científicos que possam parecer, falham numa análise mais localizada?**

**Durval Santos** – Exatamente! Falham numa análise localizada. Não na sua totalidade, obviamente. Mas também devemos perceber que o SICAD não tem representação nem estrutura territorial na Região Autónoma dos Açores e envia um conjunto de inquérito, com uma grande parte realizada no Dia da Defesa Nacional com jovens e que, por vezes, falham. Temos que ter mais atenção e cuidado. Quer que lhe fale sobre números? Quanto a trabalho no terreno, são mais de 240 dias de intervenção por ano, são mais de 15 mil beneficiários, são nove ilhas em que estamos presentes com as nossas dinâmicas e materiais, são mais 4920 materiais informativos e de sensibilização distribuídos, são 2050 testes de alcoolémia realizados... isto são números da nossa ação de 2019. Daí a nossa perspetiva, obviamente com a abertura da Sra. Secretária Regional, de criarmos aqui um plano a longo prazo, quadrienal.

**Qual é então a perceção que a vossa equipa de intervenção relativamente aos consumos? Há mais ou menos?**

**Durval Santos** – Os consumos são voláteis. A história demonstra-o. Nos anos 90, não tínhamos o problema das sintéticas, enquanto atual-



mente temos essas mais as adições sem substância. Por isso, cada vez mais urge apostar na prevenção. Prevenção é sensibilização, é interação, e isso tem que ser visto numa sistémica relativamente à intervenção. Também por isso, abrangemos aqui muito bem a prevenção universal, seletiva e indicada, com diversos projetos. Repare que há seis anos atrás não intervinhamos no contexto prisional e agora fazemo-lo... houve a necessidade de responder a este público. A prevenção tem que ser feita despida de preconceitos e com entrega, capacidade de inovação, com interação e criatividade. Em suma, fora da caixa, mas sempre alicerçada em práticas e técnicas científicas e reconhecidas. É o que fazemos. Por algum motivo, o Haja Saúde já é um embaixador da prevenção na Região Autónoma dos Açores.

**Na perspetiva de uma técnica de intervenção, o que falta fazer para minimizar os riscos e danos desta população?**

**Joana Grácio** – A nossa perspetiva, enquanto equipa, é que a intervenção deve ser cada vez mais consistente, contínua e transversal. Nós, Haja Saúde, estamos a adaptar cada vez mais a nossa intervenção ao nível comunitário. A título de exemplo, num centro comunitário, não trabalharmos apenas com os jovens, mas igualmente com os técnicos que com eles aí trabalham, com os dirigentes da instituição e com os encarregados de educação, ou seja, toda a comunidade que os rodeia no seu dia-a-dia. Procuramos ter uma intervenção mais transversal, para que a mesma seja mais contínua, mais consistente e trabalhando todas as valências possíveis. E esta intervenção tem-nos permitido ser mais transversais no contexto comunitário, recreativo, laboral, escolar e prisional. Creio que será esta a nossa ideia de intervenção: menos pontual e mais consistente, continuada e concertada. E assim estamos a ver cada vez mais sucesso na nossa intervenção.

**Durval Santos** – Estas ações só se fazem com gente capacitada, motivada, formada e informada, como é o caso desta equipa multidisciplinar da promoção da saúde, que já tem um know-how adquirido e reconhecido, com um acompanhamento muito próximo e apaixonado da coordenadora, Joana Grácio. Isto faz toda a diferença! Estes é que são os verdadeiros números, os quais nunca estão plasmados nos inquéritos ou relatórios.